

## As origens do conceito de pulsão de morte: introdução à obra de Sabina Spielrein

Autora: Renata Udler Cromberg

### RESUMO

Este texto faz parte de um duplo projeto: uma pesquisa que venho realizando<sup>1</sup> na qual analiso os documentos encontrados no início dos anos setenta e nomeados como *Dossiê Spielrein*, que trouxeram a tona a psicanalista, Sabina Spielrein, através do seu diário e da sua correspondência com Freud e Jung, bem como seus escritos principais e a iniciativa da publicação de sua obra completa em português, projeto em curso através da Editora Casa do Psicólogo, previsto para 2006. A análise do dossiê e dos seus textos permite afirmar que ela foi a visionária, introdutora e inventora do conceito de pulsão de morte em psicanálise. Isto se deu no seu texto de 1911, *A destruição como causa do devir*,<sup>2</sup> apresentado parcialmente, em sua primeira parte, em novembro daquele ano, na Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual ela foi a segunda mulher a tomar parte e se filiar. A análise deste texto permite localizar as origens do conceito de pulsão de morte em Sabina Spielrein como antecipador do percurso freudiano e em profunda ligação com a ruptura entre Jung e Freud. Além disso, a ausência de seu nome por seis décadas das obras fundamentais da história da psicanálise aponta para um soterramento histórico que precisa ser compreendido. O escrito *princeps* visionário de Sabina Spielrein foi seguido de escritos importantes, principalmente de *As origens das palavras infantis Papai e Mamãe* (1922), lido no VI Congresso Internacional de Psicanálise, o mesmo em que Freud leu *Mais além do Princípio do prazer*, em 1920, (publicado, então, como *Sobre o problema da origem e do desenvolvimento da linguagem*) e *Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente* (1923), que esboçam uma teoria psicanalítica da origem e do desenvolvimento da linguagem nas crianças e da formação do símbolo. Tendo trabalhado com Jean Piaget no Instituto Rousseau, em 1920, tendo sido sua analista e tendo ambos pertencido nesta época à Sociedade Suíça de Psicanálise, sendo que Piaget leu seu trabalho *O pensamento simbólico e o pensamento da criança* no VII Congresso Internacional de psicanálise, em 1922, podemos afirmar o pioneirismo destas idéias e de um solo comum na discussão das questões sobre a formação do pensamento e da linguagem que deram origem tanto à teoria piagetiana como à teoria psicanalítica proposta por Spielrein.

A verdade, que vem à tona da análise de seus três principais textos e de algumas observações feitas em seu diário e suas cartas é que Sabina Spielrein é uma teórica inovadora em psicanálise e uma pioneira em vários sentidos: primeira analista mulher de crianças, primeira a escrever sobre esquizofrenia usando este termo, primeira a escrever uma tese sobre psicanálise em uma universidade, primeira, junto com Stekel, o que ela logo reconhece, a pensar e formular o componente destrutivo da pulsão e a presença de uma força além do princípio do prazer, que busca o desprazer, que seria nomeada posteriormente por Freud de masoquismo primário. Uma

---

<sup>1</sup> Para a pós-graduação no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, intitulada “O trabalho do amor: Sabina Spielrein e as origens do conceito de pulsão de morte” sob a orientação do prof. Dr. Nelson da Silva Junior.

<sup>2</sup> Spielrein, Sabina. La destruction comme forme du devir. In Guibault, M. et Nobecourt, J. *Entre Freud et Jung*, Paris, Editions Aubier Montaigne, 1981.

original teórica, pois, embora partindo sempre de imagens, pois para ela, o pensamento parte sempre de imagens, não fica nelas. Trabalha com argumentos, desenvolve raciocínios e avança hipóteses metapsicológicas.

Palavras chaves: pulsão de morte, Sabina Spielrein, destruição, linguagem

### O ACHADO ARQUEOLÓGICO

Entre 1974 e 1976, Aldo Carotenuto, um professor psicanalista junguiano italiano, já havia suspeitado da importância de Sabina Spielrein na vida pessoal e na criação intelectual de Jung. Presente como o caso clínico que Jung descreveu para Freud já na quarta carta a este da extensa correspondência trocada entre os dois, apoiado na leitura de alguns trechos da obra de Jung e em passagens do livro *Recordações, sonhos e reflexões* de Jung, Carotenuto intuiu algo do fundamental que teria se passado na experiência transferencial e contra-transferencial entre Jung e Sabina. Em seu livro escreve: “o caso (de Sabina Spielrein) é exemplar, na medida em que evidencia o choque de Jung com a imagem da Anima, um choque que, provavelmente deve ter influenciado todas as suas teorias a respeito”. O livro foi lido por um colega especializado no pensamento de Claparède, Carlo Trombetta, quem em suas pesquisas históricas sobre o mesmo já se deparara com o nome de Sabina. Este falou do livro ao Prof. George De Morsier, de Genebra, que conservou na memória a referência ao caso de Jung e Sabina. Em outubro de 1977, De Morsier informou a Trombetta que, nos porões do Palais Wilson, em Genebra, a velha sede do Instituto de Psicologia, haviam sido encontrados alguns documentos, que tinham a ver com Jung, Freud e Sabina Spielrein. Uma semana depois, Aldo Carotenuto estava de posse dos documentos que fundamentavam suas conjeturas. Os documentos continham a correspondência autógrafo entre Sabina Spielrein e Jung. Todo este material era completamente desconhecido, não se tinha a menor idéia de sua existência até então. A edição parcial dos documentos, já que as cartas de Jung só tiveram a permissão de serem publicadas recentemente (2002) e as reflexões de Carotenuto resultaram no livro *Diário de uma secreta simetria*, escrito em 1977 o qual foi o marco inicial das pesquisas sobre Sabina Spielrein.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Carotenuto, A. Introdução. In *Diário de uma secreta assimetria*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1984.

A partir do momento em que o achado das cartas de Sabina Spielrein a Freud e Jung e de seu diário chegaram às mãos do professor Aldo Carotenuto, eles se tornaram tal qual um **achado arqueológico**. De fato, um tal objeto permite entrar em contato com várias camadas do tempo e transtorna a relação entre elas e em cada plano do tempo. Revelam algo de secreto, de não conhecido, quebram totalidades de saber e compreensão e desnudam preconceitos. Seguindo a pista arqueológica, este trabalho pretende examinar alguns planos imbricados na constituição de sentido a este material e ao que ele alude.

### **O CAMPO PROBLEMÁTICO DO DOCUMENTO-RUÍNA**

O soterramento dos textos e da presença de Sabina Spielrein na história da psicanálise até recentemente reverbera com questões da atualidade, sobretudo em relação ao feminino no psiquismo e na cultura e cria o campo de problemas e de vetores que constituem verdadeiras camadas arqueológicas descontínuas entre si, embora com pontos de contato, níveis de inteligibilidades, sem nenhuma intenção de sentido totalizador de explicação. É nesse sentido que chamo de documento-ruína o dossiê Spielrein e seus escritos teóricos, utilizando-me da concepção de Walter Benjamin de ruína, de Michel Foucault de arqueologia do saber e do conceito freudiano de *a posteriori*.

Chamo de soterramento histórico a ausência total de Sabina Spielrein de obras fundamentais no campo da biografia e historiografia de Freud e da psicanálise como as biografias de Jones, Roazen e Schur a pequena menção a ela por Gay e tento ver se ela se estende a outros trabalhos. Recentemente, no livro *Genealogias* de Elisabeth Roudinesco, nas efemérides que ela faz da psicanálise ano por ano, de 1856 a 1991, todos os fatos que envolveram Sabina e Jung aparecem, mostrando já a incorporação do trabalho em cima do que foi resgatado com o material encontrado. Spielrein aparece também no *Dicionário de psicanálise*, feito por ela e Michel Plon<sup>4</sup>.

Assim, se tomarmos um dos eixos centrais da minha investigação, o exame do texto de 1911, *A destruição como causa do devir*, de Sabina Spielrein e do texto de 1919, *Mais Além*

---

<sup>4</sup> Roudinesco, E. e Plon, M. Dicionario de psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1998.

*do Princípio do Prazer*<sup>5</sup>, de Freud, podemos dizer que a nota de rodapé feita por Freud que confirma a antecipação da introdução das idéias que estava apresentando por Sabina Spielrein em seu texto - embora, na época, não tivesse sido inteiramente inteligível para ele - abre um campo virtual muito grande de conexões que trarão novas inteligibilidades que permitem novas aberturas. Assim, o conceito de pulsão de morte desenvolvido por Freud lança mão de dados biológicos, tal como os de Sabina, mas que não são os mesmos, como também da repetição do desprazeroso como o indício do conceito, indício que já estava formulado por Spielrein para invocar a possibilidade de um outro princípio de funcionamento do psiquismo, mas que não é sua concepção central que é muito mais a de um componente destrutivo da pulsão sexual. Isso nos permitiu formular, no início desta pesquisa, a hipótese de que aquilo que aparece oficialmente como a reviravolta da metapsicologia freudiana, a criação do conceito de pulsão de morte a partir de *Mais além do princípio do prazer* é, na verdade, a expressão de um campo que foi criado anteriormente a ele. Este foi formado não apenas pelas inquietações teórico-clínicas freudianas ou como desdobramentos de formulações anteriores de Freud - como o *Projeto para uma psicologia para Neurólogos*<sup>6</sup>, rascunho de 1895, dado a conhecer em 1950 -, mas pelas inquietações trazidas pelas idéias de Sabina Spielrein, que pautam passo a passo o seu percurso até o texto de 1919 (e também o de 1924, *O problema econômico do masoquismo*<sup>7</sup>) bem como pelas diferenças conceituais com Jung, na qual todo o papel de verdadeiro pivô Sabina veio ocupar. Além disso, pelas contribuições de seus discípulos e pelos próprios conflitos político-afetivos entre eles e entre eles e Freud, durante a segunda década do movimento psicanalítico. Quando o visionarismo introdutor e inventor de S. Spielrein ganhou expressão em seu texto de 1912, *A destruição como causa do devir*, (apresentado parcialmente, em sua primeira parte, em novembro daquele ano, na Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual ela foi a segunda mulher a tomar parte e se filiar, um encontro após a saída, com Adler, da primeira psicanalista que a ela se filiou, Margareth Hilferding), apesar de uma acolhida receosa, provocou uma profunda e

---

<sup>5</sup> Freud, Sigmund. Mas allá del principio del placer. In *Obras Completas*, v. III, Madrid, B. Nueva, 1973.

<sup>6</sup> Freud, S. Proyecto para una psicologia para neurologos. In *Obras Completas*, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

<sup>7</sup> Freud, S., El problema economico del masoquismo, in *Obras Completas*, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

duradoura impressão em Freud, o que podemos constatar na antecipação passo a passo dos conceitos que iriam se desdobrar de 1914 em diante na obra de Freud: narcisismo, a psicologia do amor, masoquismo originário, pulsão de morte, representações destrutivas e autodestrutivas, diferença sexual, etc...

Os caminhos do entendimento deste achado arqueológico e de seu soterramento anterior são múltiplos, mas é o pensamento sobre o funcionamento do psiquismo de Freud mesmo que me permitiu formular o caminho do entendimento destes documentos-ruína da maneira mais próxima a uma perspectiva psicanalítica e arqueológica, sobretudo pelo modo do negativo na ação do passado no presente pela compulsão à repetição<sup>8</sup>. Como dar passagem à existência do sofrimento psíquico produzido por aquilo que poderia ter sido, mas nunca foi, portanto, nunca existiu, nem existirá, e, no entanto, produz efeitos psíquicos? Como dar acesso a estes *paquets en souffrance*<sup>9</sup>, como na França, se denomina, nos correios, a seção de pacotes que foram enviados e jamais chegaram a seu destinatário e ficam à espera? E, no entanto, reconhecer e nomear estes pacotes psíquicos do registro em negativo do que nunca existiu, nem existirá, do que poderia ter sido, mas não foi e nunca será, pode ter o sentido de uma passagem para a consciência de algo que fazia sofrer na sua negatividade e que só pode deixar de fazer sofrer quando nomeado e apropriado pelo trabalho psíquico, que deixa passar do negativo para o positivo, passagem de um trabalho de criação de imagem, de figurabilidade, como o do surgimento do negativo fotográfico a partir do filme opaco e do positivo da imagem fotográfica a partir do negativo da foto. Esta concepção do efeito do passado, do efeito da memória do passado alucinada negativamente, à maneira de um buraco negro, só é possível, ao meu ver, a partir da formulação da última teoria pulsional freudiana e da reformulação do aparelho psíquico subsequente a ela.

Voltando aos documentos encontrados, podemos dizer que eles produziram um primeiro efeito de surpresa e fascínio do que havia de “picante” nessa história de um psicanalista, Jung, que corresponde à paixão de sua analisanda, Sabina, e vive com ela “poesia”, uma relação de

---

<sup>8</sup> Devo a Nelson da Silva Junior e a Maria Inês Fernandes a ocasião e o incentivo para desenvolver essas idéias sobre a negatividade na psicanálise.

<sup>9</sup> Expressão utilizada por Nelson da Silva Junior, inspirada numa leitura de Roland Barthes do vocábulo *Espera* em *Fragments de um discurso amoroso*.

entrega amorosa com todos os tumultos inerentes a isso. No entanto, ainda que a verdade disso tenha sido esmiuçada, analisada, contestada, confirmada, etc, desde então, ainda que isto tenha tido o primeiro efeito positivo de recuperação de uma memória afetiva fundamental, este efeito de “fofoca” vem produzindo uma nova operação de velamento. No recente filme de Roberto Faenza, de 2002, *Uma jornada da alma*, a história de Sabina é romanceada, pondo-se o foco na relação amorosa entre ela e Jung, no que sua presença produziu em Jung e como a presença afetiva de Jung perdurou para ela. Ainda que mostre, de maneira distorcida, a psicanalista trabalhando em Moscou na casa de crianças, a obra escrita dela é totalmente ignorada. Pelo filme, Sabina não escreveu nem uma linha.

A minha hipótese<sup>10</sup> é de que no momento mesmo em que Freud reconhece a precedência e importância do escrito de Sabina Spielrein *A destruição como causa do devir*, numa nota de rodapé de *Mais além do princípio do prazer*, inicia-se uma operação de desconhecimento e de recalque do texto de Spielrein.

“Em um trabalho muito rico de idéias, ainda que para mim não de todo transparente, empreende Sabina Spielrein uma parte desta investigação e qualifica de destruidores os componentes sádicos da pulsão sexual (*Die Destruktion als Ursache des Werdens*, em *Jahrbuch für Psychoanalyse*, IV, 1912). De um modo distinto tentou A. Starcke (Inleidig by de vertálg, von S. Freud. *De sexuelle beschavingsmoral*, etc., 1914) identificar o conceito da libido com o que teoricamente há de supor de um impulso à morte (*Comp. Rank: 1907 Der Künstler*). Todos estes esforços mostram o impulso em direção a um esclarecimento ainda não alcançado da teoria das “pulsões”

A nota, que atribui a anterioridade da descoberta das pulsões destruidoras a Sabina Spielrein, se insere numa reflexão sobre o sadismo, na parte VI do texto. Em 1920, quando Freud apresenta este texto pela primeira vez no Congresso de Haia, Sabina Spielrein está presente. Ela apresenta seu texto *As origens das palavras mamãe e papai*, escrito em 1918, portanto quase ao mesmo tempo em que Freud também pensa na origem da linguagem, com o *fort-da*, em *Mais além do princípio do prazer*.

Já em 1929<sup>11</sup>, ao aludir a esta anterioridade, ela aparece de maneira mais vaga e não mais nomeada a sua procedência: “Eu me recordo de minha própria resistência à concepção de uma

<sup>10</sup> Que foi compartilhada e enriquecida pelas contribuições de Nelson da Silva Junior e de meu grupo de trabalho na pós graduação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e também por Cristina Sawaia e Cleusa Abreu.

<sup>11</sup> Freud (1929) *Malaise dans la civilisation*, PUF, 1986, trad. CH. e J Odier, chap. VI, p. 75, citado por Chambrier, *ibid*, tradução livre.

pulsão de destruição quando ela apareceu na literatura psicanalítica e o quanto ela aí permanecia inacessível a mim”. E, em 1938<sup>12</sup>, ele confirma: “Após longas hesitações, longas tergiversações, nós resolvemos admitir a existência de apenas duas pulsões fundamentais: Eros e a Pulsão de destruição (as pulsões opostas uma a outra, de conservação de si e de conservação da espécie, bem como a outra oposição entre amor do eu e amor de objeto, entram ainda no enquadre de Eros)”.

Assim, a nota de rodapé de *Mais além do Princípio do prazer*, ao mesmo tempo em que reconhece a precedência de Sabina, aponta, também, para as resistências e incompreensões em torno de sua produção. A nota tem o efeito de colocar Sabina numa redoma de vidro, forrada de veludo, com um foco de luz nela<sup>13</sup> e, no entanto, lá ela fica congelada em sua neve russa, imortalizada, com um pedaço de maçã envenenado na garganta, sem poder falar, recebendo a visita de passantes que a olham sem de fato a enxergar, à espera de “um príncipe encantado” para despertá-la, que certamente foi Carotenuto.

Poderíamos dizer que a citação teve aqui um efeito perverso. Cotejando os dois textos, vemos que Freud poderia tê-la citado em outros momentos do texto, muito mais importantes e fora das notas de rodapé. Por exemplo, os dados biológicos do texto de Spielrein, antecipam todo o campo metafórico que Freud cria, a partir das pesquisas de Weissman com as células germinais e, no entanto, numa carta a Jung<sup>14</sup>, em que ele reconhece o interesse e novidade do trabalho de Spielrein ele diz que a parte biológica não tem importância.

O conceito freudiano de pulsão de morte recalcou o conceito spielreiniano de destrutividade. Apesar de uma acolhida receosa, o texto de Spielrein provocou uma profunda e duradoura impressão em Freud, o que podemos constatar na antecipação passo a passo no texto de Sabina dos conceitos que iriam se desdobrar de 1914 em diante na obra de Freud: narcisismo, a psicologia do amor, masoquismo originário, pulsão de morte, representações destrutivas e autodestrutivas, diferença sexual, a cisão como mecanismo de defesa, o ideal, etc. René Kaës<sup>15</sup>,

---

<sup>12</sup> Freud, (1938), *Abrégé de psychanalyse*, trad.<sup>a</sup> Berman, revista e corrigida por J. Laplanche, cap. II, “teoria das pulsões”, p.8, in Chambrier, *ibid*, tradução livre.

<sup>13</sup> Metáfora inspiradora de Nelson da Silva Junior que eu continuei.

<sup>14</sup> carta de Freud a Jung de 30 de novembro de 1911.

<sup>15</sup> Kaës, R. *Travail de la mort et théorisation – Le groupe des premiers psychanalystes autour de Freud entre 1910 et 192*. In *L’invention de la pulsion de mort*, Paris, Dunod, 2000.

em seu importante ensaio *Trabalho da morte e teorização – o grupo dos primeiros psicanalistas ao redor de Freud entre 1910 e 1921* analisa bem como se dá o mecanismo freudiano habitual, quando seus discípulos trazem uma idéia nova que ainda não tinha ocorrido a ele. Ao analisar as fontes de tensão no grupo que se reunia ao redor de Freud antes da guerra, ele situará a presença de mulheres no grupo.

“Desse ponto de vista, as coisas não se passam como em *Totem e Tabu*. Na realidade, os homens não lutam entre si pela conquista das fêmeas, mas pelo conhecimento do inconsciente, verdadeiro continente negro materno a conquistar. E é bastante notável que seja uma mulher, Sabina Spielrein, quem será a verdadeira introdutora da noção de pulsão de morte em 1911, em uma reunião da quarta-feira (sessão de 20 de novembro de 1911)<sup>16</sup>. Ela prefigura uma idéia que se tornará fundamental: o componente da morte está contido na própria pulsão sexual, este componente é indispensável ao processo do devir (da transformação "é o título de sua conferência). A idéia, influenciada pelos trabalhos de Jung, será recusada e criticada vivamente pela maior parte dos participantes, incluindo aí Freud. Ele se comporta aqui como sempre: depois de haver rejeitado uma idéia que vem a ele de um de seus discípulos, ele a adota, a aperfeiçoa e se apropria dela sem nenhuma referência a seu autor. A idéia só tornar-se-á eficaz para ele quando ele mesmo for tocado pela questão. Mas podemos também supor que Sabina Spielrein fala a ele de muito perto, demasiado perto da questão e de Jung, e aqui, uma vez mais, como com Fliess no episódio da operação dos cornetos nasais de Emma Eckstein, a convivência homossexual serve de defesa contra a escuta e o entendimento do discurso feminino.”

A própria Sabina não viveu o seu trabalho como tendo sido rejeitado, na apresentação de um resumo de seu trabalho, feita em 29 de novembro de 1911. Em um trecho do diário encontrado, em que escreve em Viena, em 7 de janeiro de 1912, num apanhado que faz do ano de 1911, não menciona nada da apresentação e se sente muito reconhecida pelo seu primeiro trabalho publicado, sua tese de término do curso de psiquiatria, à qual atribui sua aceitação como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Portanto, se Marte Robert<sup>17</sup> tem uma certa razão ao dizer que *A destruição como causa do devir* antecipa a concepção freudiana da pulsão de morte “quase ponto por ponto” ou “palavra a palavra”, há o risco de um certo exagero. Como diz Chambrier<sup>18</sup>, essa afirmação “não faria justiça nem ao gênio e ao rigor de Freud, nem à sensibilidade e a inspiração criadora de Spielrein”

É importante sublinhar uma diferença. Uma coisa é o destino de esquecimento dos escritos de Spielrein, a análise que fazemos do que no interior do movimento psicanalítico e da

---

<sup>16</sup> nota de Kaës- Esta comunicação teve lugar no ano da admissão de Sabina Spielrein à Sociedade vienense. No mesmo ano, Lous Andréas Salomé foi admitida e no ano precedente Margarete Hilferding, que se demite com Adler em 1911.

<sup>17</sup> Robert, M. *A revolução psicanalítica*. São Paulo, Martins Fontes,

<sup>18</sup> Chambrier, *ibid*, p.1286.

produção teórica de Freud produziu tal esquecimento. Outra coisa é a atitude de Freud em relação à Sabina que sempre foi de amizade, ajuda e reconhecimento, apesar de algumas ambivalências. Ele encaminha pacientes a ela e recebe pacientes encaminhados por ela. Ele considera-a a responsável pela divulgação da psicanálise na Suíça, após a ruptura com Jung, especialmente no período em que esteve no Instituto Rousseau, com Claparède e Piaget, onde dá aulas de psicanálise e analisa Piaget e outros. Ela funda um grupo de psicanálise em Lausanne. Recomenda-a para Abraham em Berlim, mas apóia sua ida a Rússia, para onde ela leva *O Eu e o Isso* para ser traduzido no ano mesmo de sua publicação, bem como é ela quem organiza a tradução de *Mais além do princípio do prazer*, com prefácio de Vigotsky e Luria. Em suas cartas, demonstra sempre sua admiração a ela, bem como reafirma seu interesse pessoal afetivo nos destinos de sua vida. Desde sua entrada na Sociedade de Psicanálise vienense, pede a ela que escreva pequenos artigos com observações clínicas que confirmem a teoria psicanalítica, coisa que ela o faz.

Os escritos de Sabina não estavam esquecidos por não terem sido publicados. Todos o foram, quase imediatamente após serem escritos, nas principais revistas de psicanálise da época. Eles talvez tenham sido esquecidos pelos acontecimentos históricos, políticos, no interior do campo psicanalítico e fora dele, pelas vicissitudes da experiência psicanalítica na Rússia e porque Spielrein não fez escola como Melanie Klein, embora sempre tenha se mantido com autonomia de pensamento o que conferiu a este muita originalidade.

Desdobram-se aí outras camadas das quais menciono algumas. A primeira diz respeito ao papel de pivô de Sabina Spielrein na ruptura entre Freud e Jung. Através das cartas de Freud e Jung a Sabina e de fragmentos de suas cartas a eles e de seu diário, descobrimos a intensa ligação afetiva entre Sabina e Jung, bem como o papel de terceiro interventor que Freud vem ocupar no afastamento transferencial de Sabina de seu antigo terapeuta, seu suposto amante e mentor, além de colega. As revelações constituem menos uma história de curiosidades do que um importante manancial de suas reverberações em questões teóricas e de teoria da clínica. Curiosamente, por exemplo, elas permitem uma inteligibilidade à escritura quase simultânea, no ano de 1913, por

Freud, dos textos fundamentais sobre a técnica psicanalítica<sup>19</sup> e *Totem e Tabu*<sup>20</sup>, colocando ambos sob a égide das questões trazidas por Jung, por um lado dos riscos do amor de transferência e por outro, as questões trazidas pelo texto junguiano, *Símbolos e transformações da libido*<sup>21</sup>, inicialmente denominado *As metamorfoses da Libido*. Normalmente tem-se dito que *Totem e Tabu* é a derradeira tentativa de Freud de tentar manter Jung nas hostes da teoria psicanalítica, uma resposta às idéias contidas no livro de Jung. No máximo, faz-se menção aos artigos técnicos como sendo um momento de alarme de Freud com as dissidências, onde queria manter organizado um corpo de recomendações técnicas. O que ainda não foi analisado com suficiência, mas que é sugerido fortemente pelo dossiê S. Spielrein, é que os escritos sobre técnica decorreram diretamente do período em que o analista Jung e a paciente S. Spielrein se tornaram amantes e o papel que Freud tomou como terceiro interventor. Num momento em que a psicanálise apenas começava a engatinhar pelo mundo, com poucos analistas analisados, tais artigos pretendiam domesticar, ao menos enquadrando, os demônios que a descoberta do inconsciente na relação transferencial despertavam. O que fica fortemente sugerido é que o motivo da separação Freud - Jung deveu-se não só às diferenças teóricas entre os dois, nem mesmo só às questões pessoais, mas também ao episódio Spielrein. Mas, ao sair ou ser eliminado das hostes psicanalíticas, o que ficou de fora da psicanálise enquanto corpo teórico-clínico? O que Jung levou com ele que não pode ser incorporado, não apenas por não ser psicanalítico, mas por não ter lugar na psicanálise, então, e que talvez tenha ressurgido no futuro em psicanalistas inovadores como Winnicott e Lacan? Falo aqui, na concepção winnicottiana da criatividade e do feminino puro e na concepção lacaniana da feminilidade que de alguma forma retomam elementos do conceito de *anima* junguiano, inspirado a ele por Spielrein.

Há também o desdobramento de uma camada que traz uma outra contribuição inovadora de Spielrein no campo da linguagem. Tendo elaborado uma complexa teoria do papel da linguagem e das representações no psiquismo, ligando-os fortemente aos destinos pulsionais

---

<sup>19</sup> Freud, Sigmund. La dinamica de la transferencia (1912), Consejos al medico en el tratamiento psicoanalitico (1912), La iniciación del tratamiento (1913), Observaciones sobre el “amor de transferencia” (1914). In *Obras Completas*, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

<sup>20</sup> Freud, Sigmund. Tótem y tabu, in *Obras Completas*, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

<sup>21</sup> Jung, C. G. Símbolos da transformação da libido, Petrópolis, Vozes, 1999.

soberanos, antecipa muitas ligações que seriam realçadas mais tarde por Lacan na associação da teoria da psicanálise com a teoria lingüística.

Finalmente, a camada que conecta com a problemática atual de maneira mais vigorosa: novas formas de nomeação do jogo pulsional. O texto *A destruição como causa do devir* aponta as múltiplas facetas do componente destrutivo da sexualidade, além da dificuldade de acomodação das descobertas na primeira teoria pulsional, pulsão de autoconservação x pulsão de conservação da espécie, mas, sobretudo antecipa o paradoxo do conceito de pulsão de morte que se desdobra em múltiplas possibilidades psíquicas e muitas facetas tanto na sua manifestação clínica, como na sua conceituação. Faz pensar o quanto à ênfase no papel estrutural do Complexo de Édipo e de Castração, com eixo no fálico, dado por Freud em sua pesquisa de 1913 em diante, mas em especial nos anos vinte em diante, não veio obturar o “rombo” da descoberta da pulsão de morte, em detrimento do movimento de nascer/morrer da destrutividade enquanto propiciadora de transformação.

Camadas derivadas surgem da reverberação de *A destruição como causa do devir* com o pensamento de Laplanche, Lacan, Winnicott e Jung

As próprias circunstâncias da vida de Sabina Spielrein que fazem dela a condensação ao mesmo tempo do pioneirismo visionário o mais arrojado e da regressão a mais bárbara, espécime único, singular, mas também exemplar da tragédia de seu tempo. Há algo de insólito, de saída, na trajetória histórica desta moça russa e judia, que se torna médica no início de um século que estava apenas começando a legitimar a cidadania feminina, que fala várias línguas, a segunda mulher pioneira na psicanálise, pioneira em levar a peste psicanalítica em tempos de revolução comunista, pioneira em juntar psicanálise e educação, psicanálise e a incipiente lingüística, viagem de volta à pátria-mãe que a leva a participar também da proibição e do desaparecimento da psicanálise no Gulag stalinista, que dizimou sua família de origem. Ela morre fuzilada pela milícia nazista, junto com suas duas filhas, na sinagoga de sua cidade natal, num dia comum, voltando do jardim de infância em que dava aulas de música.

A verdade, que vem à tona da análise de pelo menos seus três principais textos e de algumas observações feitas em seu diário e suas cartas é que Sabina Spielrein é uma grande teórica em psicanálise e uma pioneira em vários sentidos: primeira analista mulher de crianças,

primeira a escrever sobre esquizofrenia usando este termo, primeira a escrever uma tese sobre psicanálise em uma universidade, primeira, junto com Stekel, o que ela logo reconhece, a pensar e formular o componente destrutivo da pulsão e a presença de uma força além do princípio do prazer, que busca o desprazer, que seria nomeada posteriormente por Freud de masoquismo primário. Uma inovadora teórica, pois, embora partindo sempre de imagens, pois para ela, o pensamento parte sempre de imagens, não fica nelas. Trabalha com argumentos, desenvolve raciocínios e avança hipóteses metapsicológicas

Renata Udler Cromberg

Cons. Rua Eugenio de Medeiros 168 – casa 3 CEP 05425-0000 Pinheiros

Tel/fax. Cons, 38162184

e-mail – [renatauc@uol.com.br](mailto:renatauc@uol.com.br)